CONJUNTURA

Informação e ditadura da suspeita

CANDIDO MENDES

Crise, aliás , pseudocrise, ou crise nascida da credibilidade da crise? Até onde, nessa pergunta, já estamos diante inclusive das sentenças mediáticas, em que se plasma uma opinião pública por sobre a espontaneidade das convicções-cidadãs? Não é outro talvez o problema mais grave da dita democracia profunda, hoje em debate na ONU. Farão os meios de comunicação o deslinde entre a absoluta isenção no informar e o dar à mesma a interpretação, ou o comentário, como se espera do veículo que a porta?

Nessa linha de frente, está entre nós a Folha, no pioneirismo com que criou o instituto de ombudsman e mereceu Marcelo Beraba, agora, o seu reconhecimento internacional. Mas estamos no começo da consciência-cidadã, a defender o quanto o patrimônio público a que se refere a Carta Magna não só envolve a preservação dos bens históricos ou da integridade da natureza mas a garantia de que o universo da informação mantenha seu suposto de verdade. É esse o primeiro dos patrimônios públicos.

É só agora que começam a despertar as ações populares, garantidas pela Carta do dr. Ulysses, para assegurar a limpeza do duto da mídia como veículo do fato, antes de lhe emprestar o comentário, a versão ou o viés da crença.

Está-se, por exemplo, diante desse suposto da democracia profunda quando circulam, deliberadamente, como informação, frases, como foi o caso da suspeição de Gilberto Carvalho no caso Celso Daniel, de juízes condenados por peculato e de notórios repentistas da mentira? Ou quando, repetidamente, ganham manchetes declarações que retornam sempre aos ditos de um morto e ao nó górdio de todas as dúvidas?

É melancólico o relatório de Abi-Ackel dando fim à CPI do 'mensalão'

No quadro da grande cidadania, o Primeiro Mundo, este que vem de premiar a Folha, criou, dentro do seu próprio circuito de consciência institucional e a partir de seus consensos, a triagem não só entre o que é fato e opinião. Mas, sobretudo, distingue o que tem o indiscutível critério de verdade, para merecer a circulação mediática e a indústria dos abates de imagem na manipulação da credibilidade da informação.

A derrubada de José Dirceu ratifica, de forma inqüietante, a ditadura da opinião sobre os fatos. Foi a cutelo, em completa falta de provas, tão-só obedecendo à lógica das conveniências, com que se cumpre sua pretendida solução das crises, em um toma-lá-dá-cá entre governo e oposição. Na seqüência da cassação, nasceu um mal estar difuso em que dói uma consciência cívica mais funda. Se há culpabilidade petista, que se a apure à luz de evidências. Tal como um Brasil de fundo mantém a credibilidade em quem elegeu estrondosamente há três anos. O governo é diferente enquanto, de fato, se vincula ao país dos desmunidos, que nele votou, que não está preocupado com as denúncias de Roberto Jefferson e que acredita na lógica da mudança, assentada na crença do 'Lula-lá' e do enorme investimento simbólico da vitória de 2002.

Nada mais melancólico que o relatório de Abi-Ackel, dando fim inglório à CPI do 'mensalão'. Talvez, quem sabe, haja culpados, repete, mas não pode indiciar ninguém por falta de provas. O que começou com todo o estrépito da suspeita continua, sonâmbulo, na ribalta dos inquisidores e acaba na água de barrela - no constrangimento e no pigarro das CPIs —, a autorizar o anticlímax das futuras conclusões.

A desmoralização do denuncismo, de toda forma, pode ser o saldo da crise, ou pseudocrise. É inseparável do repúdio, pela consciência-cidadã, da informação manipulada e sua conseqüência mais grave para o avanço da democracia profunda. Ou seja, a distância entre opinião pública e formação da consciência popular pela sofreguidão mediática.

As obsessões pelo impeachment descartaram a própria verossimilhança, transformando o dinheiro de Cuba nas clássicas suspeitas do 'ouro de Moscou'. O valerioduto jorra simetricamente entre tucanos da mais alta estirpe e petistas da mais ilibada reputação. A liderança do PSDB só pode sair do empate da abominação propondo o inquérito segregado, fora de todo micróbio petista. O caixa dois dos bons separa o trigo mineiro do joio poluído do ABC.

A impaciência do relator Serraglio é a de quem sabe que tem de bater em martelo diante dos impasses em distinguir ou poupar um abuso generalizado do poder econômico no quadro político em que os indigitados 'mensalões' repetem e modernizam o nepotismo da República Velha e as clientelas que ainda povoam no atual Congresso Nacional o baixo clero e seus Severinos.

Acordões sempre é o que pede o sábio laxismo do sistema. Exorcismos, claro, por cassações empatadas. De que fatalidade vem o abate de José Dirceu? A da crise de sempre, que não faz mal a ninguém, ou da pseudocrise feita crise, para de vez abalar a lógica da mudança e o a-que-veio o partido diferente?

▶ *CANDIDO MENDES, membro da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Justiça e Paz, é presidente do 'senior Board' do Conselho Internacional de Ciências Sociais da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).*

MISTÉRIO

A arte de curar

GERALDO S. MORATO
gemorato@terra.com.br

Você já tomou remédio hoje? Como não? Então você deve estar doente! Hoje, a vida sem remédio parece inviável, não é mesmo? Até nos causa chateação, quando por uma mísera gripe, a empregada, o amigo, o parente e naturalmente o farmacêutico ou médico nos perguntam: você não vai tomar nada...? Mas como a humanidade conseguiu ultrapassar os tempos e chegar aos dias de hoje – aliás, diga-se de passagem, com crescimento assustador – até então, sem a presença de tanta droga?

Essa cultura consumista de medicamentos que vivenciamos hoje se deve naturalmente a um fator econômico dominante, onde a propaganda dos produtos farmacêuticos é tão indiscriminada que muitas vezes parece mais se tratar de produtos alimentícios do que de produtos que deveriam ser utilizados com severos critérios de prescrição. Mas também devemos ponderar que num país onde a falta de esclarecimentos sobre assuntos pertinentes a esta esfera é tão deficiente, que colabora imensamente para que isto aconteça.

O mistério da vida e da morte, ou seja, de onde vim e para onde vou, nos faz buscar a qualquer preço terapias e produtos que garantam permanecer neste mundo o máximo possível. A vida não admite nenhuma outra definição mais clara do que simplesmente: 'ela é isso que ela é'. A vida é definida pela observação de suas características próprias – reprodução, auto-organização etc. – e ninguém conseguiu até hoje, mesmo os grandes filósofos do passado, conceituá-la melhor.

E a morte é o fim da vida? Não, a morte assim como o nascimento faz parte da vida, ou seja, viver nada mais é do que nascer, auto-organizar-se, reproduzir-se e morrer. O morrer faz parte da vida, é irmã do nascer; não é possível haver morte sem vida...

Partindo-se deste entendimento, é possível concluir que o importante na vida não é evitar a morte e nem tampouco retardá-la além da sua 'programação', afinal, se houve um momento para nascer, haverá um momento para morrer. Pois bem, a merecida felicidade buscada por todo ser humano deve ser conquistada dentro destes dois pilares 'mundanos', ou seja, o nascer e o morrer.

A doença nada mais é do que a um processo de adaptação biológica ao meio circundante, o mundo cosmobiológico social que rodeia o indivíduo, e esta adaptação não é só instintiva se não que se produz com a inteligência, a capacidade de decidir, raciocinar, ponderar as circunstâncias, pelo que a doença quer dizer, a adaptação é um problema de liberdade. Difícil de entender? Não! Vejam, a doença não seria o contrário de saúde? O que é saúde? Saúde segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), é o 'estado de bem estar físico, psíquico e social', ou seja, não significa apenas estar sem sintomas de doenças físicas (dores, feridas, febres, etc.), mas também estar com paz de espírito, de bem com o semelhante, 'de bem com a vida, livre...!'.

Portanto, quando buscamos saúde deveríamos buscar o que? Acabar com a dor, com a coceira, com a acidez do estômago, com a hepatite, com a meningite, etc? Com certeza está é uma das buscas da saúde. Mas acabando com a dor de estomago, será que o paciente vai estar com saúde? E se ele não tiver mais dor de estomago e continuar nervoso, briguento, com insônia, ele está curado? Não! Temos que refletir, imparcialmente, sobre todos estes aspectos a fim de entendermos o que significa curar.

Curar é conhecer o sentido da doença, é evoluir com a adversidade; curar não significa tirar a doença e sim lhe eliminar a causa existencial profunda (conflito existencial). Toda doença tem início num desequilíbrio psíquico do paciente, ou seja toda doença migra do emocional para o físico.

Para Hipócrates (460-377 a.C.), considerado o pai da Medicina o tratamento das doenças era constituído por três princípios básicos:

1-A natureza se encarrega de restabelecer a saúde do doente e cabe ao médico tratar o paciente imitando a natureza, a fim de conduzi-lo a um perfeito estado de saúde (vis medicatrix naturae).

2-Os sintomas podem ser tratados diretamente com medidas contrárias a eles.(contraria contrariis curentur).

3-A doença pode ser debelada por aplicação de medidas semelhante à doença, chamada Lei dos Semelhantes (similia similibus curentur)

Muitas vezes (a maioria delas), a natureza trata de equilibrar o indivíduo de maneira tal, que nenhuma providência medicamentosa se faz necessária, mesmo diante de sintomas aparentemente sérios. No entanto, naquelas poucas vezes em que ela se torna incapaz de reconduzir o doente no caminho da cura, um auxílio medicamentoso é exigido.

Daí, o uso de medicamentos que tenham ação contrária aos sintomas desperdados pela doença (alopatia) ou medicamentos que tenham a propriedade de eliminar a doença através da ação semelhante aos sintomas por ela produzidos (homeopatia), são terapêuticas que podemos utilizar.

Tratar pelo contrário (antiácidos para acidez do estômago, antitérmicos para baixar a febre, etc) e tratar pelo semelhante (o que causa a doença, também é capaz de curá-la), significa basicamente tratar do órgão doente pela primeira e tratar do indivíduo que possui um desequilíbrio levando-o a manifestar sintomas num determinado órgão, pela segunda.

Vamos entender melhor, com uma comparação extravagante. Imaginemos que um trem lotado de passageiros esteja em extrema velocidade por ausência do maquinista (acabara de enfartar...). Na eminência de descarrilar, a base de comando, uma vez comunicada, apresenta duas propostas para resolver a situação. Pode, imediatamente colocar outra locomotiva em alta velocidade em sentido contrário, na mesma linha, de forma que ao colidirem frontalmente, a 'velocidade automaticamente cessará...' ; mas o que acontecerá com o trem e os passageiros? Bem, se a idéia era parar o trem simplesmente, 'bingo'. Agora, resta a segunda opção, que seria colocar outra locomotiva em disparada no mesmo sentido, que, ao atingirem a mesma velocidade, se engatariam e o processo de frenagem aconteceria, retornando até a velocidade inicial e segura da viagem, ficando, portanto, salvos tanto a máquina como todos seus ocupantes (neste caso, a idéia não era simplesmente parar a máquina).

Acreditem que esta técnica de 'salvamento' existe e é largamente usada em todo mundo. Exige conhecimentos profundos, observação acurada, análises precisas e conclusões certeiras, daí ser chamada de arte de curar.

▶ *GERALDO S. MORATO é médico veterinário homeopata e docente do Cesaho (Centro de Estudos Avançados em Homeopatia)*

MODERNIDADE

As mandalas da realidade social

BRUNO PERON LOUREIRO

Quando se pensa em centro e periferia, ou inclusão e exclusão, minoria e maioria, próximo e distante, conhecido e desconhecido, a memória permite enumerar os assaltos, os trabalhos informais, a sujeição de mendigos, meninos de rua e desabrigados, e os seqüestros que batem à porta do centro, o maior poder de consumo de um e a vontade mal realizada de outro, a pujança de um e a carência de outrem, o aumento desenfreado da dívida externa dos países subdesenvolvidos e periféricos ou do auxílio que nunca vem do centro; enfim, vislumbramos as realidades deslocadas e desajustadas em que vivem o centro e a periferia, ou o devaneio daquele no seu limitado escopo visual em detrimento do realismo desta no que se refere ao pauperismo, à insalubridade e às demais insuficiências que a afligem.

No nível urbano, o centro é o lugar onde o progresso não vê morosidade, que assiste à proliferação dos vários signos de modernidade; é tomado cada vez mais expansivamente pelas grifes e pelo espaço criado pelo setor de serviços, é o lugar dos bens de consumo (duráveis e não-duráveis), pela ansiedade das vidas que se monitoram pelo tic-tac dos relógios e, em breve, pelas câmeras de segurança, pela profusão dos meios de transporte, dos ruídos mecânicos e da convergência de murmúrios, da iluminação noturna e dos outdoors, e de as pessoas exibirem a opulência e a beleza, os exageros e excentricidades, os desperdícios e a informatização; é o ponto brilhante no céu escuro ou a parte do fruto que resiste ao esmorecimento.

Em contraste, a periferia presencia o resíduo dos símbolos modernos de consumo (por piores que sejam as condições financeiras, quase sempre haverá um televisor) e resguarda uma realidade de que poucas pessoas do centro têm notícia. Ruas estreitas, redes precárias de saneamento básico, deficiência no nível educacional que não previne seus habitantes de enfermidades e prole indesejada. Trata-se de uma área escondida, pouco acessível e esquecida, mas que também pertence à cidade e, por isso, participa dos cômputos gerais que lhe dão um perfil. No Rio de Janeiro, já há o "Favela Tour", que é um passeio oferecido aos estrangeiros pela Rocinha. Contudo, reconhece-se que muitos são ávidos de ascender socialmente, aprender, conscientizar-se e conquistar uma vida digna.

No âmbito das relações internacionais, discute-se a concepção da teoria da dependência (desenvolvida por, entre outros, o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso), que interpreta o mundo como dividido entre países centrais e periféricos, em que aqueles exercem uma relação de dominação e exploração em relação a estes; como países que assumem a dianteira, o século XIX foi o da Pax Britannica (Inglaterra), enquanto o século XX, o da Pax Americana (Estados Unidos). Dessa forma, centro e periferia aparecem como uma das dicotomias possíveis nas relações internacionais, além de civilizados e bárbaros, colonizadores e colonizados, desenvolvidos e subdesenvolvidos, imperialistas e submissos, ricos e pobres.

Tanto no cenário internacional, quanto no nacional, no regional e no local, trata-se de diversas mandalas ? Definidas como diagramas com cores simbólicas e desenhos geométricos concêntricos, utilizadas sobretudo para meditação, em que o ponto central pode ser protagonizado pelo centro, enquanto as demais circunferências, pelas infinitas periferias que o circundam. Em outras palavras, o que se pretende afirmar é que o centro e a periferia ambos pertencem ao mesmo todo, embora esta orbite em torno daquele e veja-se freqüentemente numa situação mais desprezível, mais aviltante e mais esquecida. É por isso que, em vez de empregarmos a mandala para a meditação, deveríamos antes refletir sobre aquelas que estão tão próximas da nossa rotina e da nossa realidade, mas que ainda são mal compreendidas.

▶ *BRUNO PERON LOUREIRO é estudante de Relações Internacionais e pesquisador na Unesp.*

CARTAS

e-mail cartas@jpjornal.com.br - Fax (19) 3428-4102

Pobre não ganha demanda

Minha mãe era portuguesa, e usava sempre uns provérbios sábios aprendidos com seu avô. Um deles é o seguinte: "ralham-se as comadres, descobrem-se as verdades". E foi o que aconteceu. Bastou o ex-deputado Roberto Jefferson botar a boca no trombone e toda sujeira foi descoberta. Veio a CPI do 'mensalão', ninguém foi preso. Juntando os fatos, comparo-os com uma letra da música "Mundo Velho" , gravada em 1976 pelos saudosos Tião Carreiro e Pardinho e regravada pelo cantor Daniel e seu pai José Camilo. "Mundo velho mudou tanto / Que já está entrando areia / Grande pisa nos pequenos / Coitadinho desnorteia / Quem trabalha não tem nada / Enriquece quem tapeia / Pobre não ganha demanda / Rico não vai pra cadeia!" Pela letra, percebe-se que a sujeira de políticos existe há quase vinte anos, porém isso, já vem acontecendo desde os tempos de Rui Barbosa, quando ele escreveu essas sábias palavras: "De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer as injustiças, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e ter vergonha de ser honesto". Terminando, vou repetir outro provérbio que minha mãe sempre dizia: "vive-se meio mundo para se enganar outro meio".

JAIME CÚRCIO - *Piracicaba*

Quem vai defender a cadelinha?

Que sociedade é essa sr. Leopoldo Ubiratan, que não oferece perigo? Em que mundo o senhor vive? É inacreditável que um ser humano que tenha o título de mestre em Direito, diga algo parecido. Percebe-se que o senhor passou e passa pela vida, não dando sentido ao próprio sentido de direito à vida. Não importa, se é uma árvore, um animal, ou um humano, o que importa realmente é a vida que existe neste contexto. Sua atitude moral neste e-mail, é de tal egoísmo onde a própria lei não faz sentido. Talvez, ainda, o senhor não saiba, o que é ato humanitário, o que é solidariedade, sim, porque, pelo que se percebe está preocupado em olhar o enfoque desta situação somente pelo seu ponto de vista acadêmico. Acorda mestre, pois o aluno já está pronto ou quem sabe, seu futuro filho possa um dia lhe cobrar uma atitude. Se este rapaz está doente, que seja então tratado e punido, ou quem sabe, ele precise de um advogado para o defender? No caso da cadelinha, quem vai defendê-la? Nós. Por isso senhor Leopoldo, o nosso protesto de indignação, dando nosso apoio de solidariedade e de sentimentos, por um ato tão cruel.

VANIA MARIA ABATTE - *Piracicaba*

Paradeiro de João Augustini

Não parece, mas se passaram quase um mês e tudo está voltando na rotina de antes, o silêncio e a onda da manchete nos jornais estão tomando conta em se encarregar de levar para o esquecimento da população, com os mesmos órgãos de imprensa deixam as notícias se esvaírem e acabar nos tapetes judiciais. Será que nossa polícia está em busca e tentando levar para as barras dos tribunais este elemento que num dado momento em que poderá ser até levado em conta como 'crime passional', embora que advogado de sua defesa tenha relevado em conta pela forma que cometeu os dois homicídios e uma tentativa de homicídio contra a pessoa que é testemunha ocular do seus atos. Em conversa com o pai das vítimas, está ficando em meio ao descrédito de que haja justiça nesta terra, pois está observando a morosidade no desenrolar dos fatos e isto deixa-o inquieto, pois não temos notícia alguma de ação concreta por parte das investigações e estamos vivendo apreensivos com o que possa nos ocorrer daqui para frente. Dessa forma é que nossa população aguarda um desfecho por parte das nossas autoridades, que na melhor forma de suas declarações, poderão nos alentar com as respostas que estão investigando em silêncio para resguardar as buscas, nada mais a acrescentar. Não se pode deixar cair no esquecimento algo que transformou a vida de duas famílias.

RUBENS CALDARI - *Piracicaba*

O direito de ir e vir

É comum, em ruas movimentadas de nossa cidade, principalmente na rua Governador Pedro de Toledo e Benjamin Constant o piracicabano se constranger ao deparar com viaturas das polícias civil e militar à sua frente. Em nome da Lei, dirigem quase parando, não passando de 5 km/hora, segurando o trânsito e atrapalhando quem tem horário a cumprir. Se esquecem ou ignoram que atrás deles, não tem somente jovens apressadinhos ou até irresponsáveis pela imaturidade (o que é natural na idade deles), mas, acima de tudo, têm os cidadãos de bem, que também estão cumprindo suas obrigações e têm horário para chegar ao trabalho. Só para tranqüilizar a mim e a muitas pessoas que enfrentam o mesmo transtorno, gostaria de saber: — Esta atitude tem amparo legal ou é abuso de poder?

HELIO CONCEIÇÃO MARINE - *Piracicaba*

Jaime Leitão está certíssimo

Muito oportuno o artigo do jornalista Leitão sobre o uso do sal; realmente há muito abuso, principalmente em restaurantes porque uma coisa é certa - colocar é fácil, difícil é tirá-lo e esse sódio deveria deixar critério da pessoa que está se servindo - esta estória de churrasco água sal grosso é outra farsa. Ahhhhh! Mas quanto mais salgado, mais chope e cerveja, mas espera aí!!! Tempero não é só água e sal, temos cebolinha, salsinha, orégano, curry, aquela pimentinha de cheiro, mas tudo bem dosado. Outro problema grave na alimentação é o açúcar, e se, todos soubessem a química que é usada no açúcar, para deixá-lo branquinho como talco, muitos iriam repensar seu consumo excessivo. Ainda bem, que hoje temos adoçante. O dia em que o povão souber como e de quê, é feita a salsicha e porque ela custa apenas R$ 2 o Kg, se a carne bovina pesa em média R$ 6,00 muitas pessoas deixarão de consumi-las. Eu, o Leitão, que farei xixi na cova de muita gente ainda, fiz muita salsinha e outros derivados da carne e é, bicho feio!!! O Leitão está coberto de razão em moderar o sal, pois, criou esse tabú por causa da grande quantidade que existe de bacalhau e muito cuidado com essa tal de carne de sol: charques, jabá; que esta tem muitos cognome e é veneno lento ou "Jesus te chama", mata devagar, enfim, o brasileiro, come muito e mal. Parabéns Leitão ! Pois a função do jornalista também é ensinar ao povo, coisas boas.

ARTHÊMIO DE LELLO - *Piracicaba*

Devido à limitação do espaço, as cartas devem ter no máximo 500 caracteres. As que excederem poderão ser editadas. Só serão publicados textos que tiverem completa identificação de seu autor, que terá usada para a assinatura da carta. O *Jornal de Piracicaba* não publica apenas as iniciais do autor. O *JP* não se responsabiliza pelas opiniões emitidas pelos leitores nesta seção. As cartas podem ser enviadas para av. Com. Luciano Guidotti, 2525, CEP 13424-540, Piracicaba, SP, para rua Moraes de Barros, 825, CEP 13400-356 ou para o e-mail cartas@jpjornal.com.br